

BEATO BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES:

O CORAÇÃO DE DEUS NO MEIO DO POVO

Jorge Alves Barbosa

I

“Quem tem a caridade no coração e nos costumes pode dizer: ‘Eu vi o fim de toda a perfeição, quer dizer o largo mandamento da caridade. Chama-se largo porque alarga o coração para todos e o enche de alegria e confiança (...) E São Paulo confessou que sentia ter em si o coração dilatado para meter nele todo o mundo. Esta é a que faz o jugo do Senhor suave e leve”. Certamente vemos nestas palavras uma ressonância da linguagem muito própria da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, mesmo que escritas séculos antes de ela ter despontado; nelas encontramos a profunda relação entre a virtude da caridade e o coração humano, que constitui o alicerce do culto sacricordiano; são palavras, simples mas sentidas, que Frei Bartolomeu dos Mártires escreveu no seu *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*, publicado no ano de 1564, para ser utilizado pelos padres da Arquidiocese de Braga para instrução do povo de Deus através das homilias de cada Domingo e Festa.

Frei Bartolomeu dos Mártires foi alguém que procurou, mais pelo exemplo de vida que pela simples instrução ou pregação, ser presença do amor divino encarnado em cada cristão, mas muito mais no Bispo. A mensagem que nos deixou é sobretudo a de uma pessoa dedicada ao seu rebanho com a solicitude do verdadeiro e único Bom Pastor que tantas vezes exprime no Evangelho a sensibilidade e ternura que caracterizam e definem a própria essência de Deus: o “Deus clemente e compassivo, lento para ira e rico de misericórdia” que em Jesus Cristo exclama “Tenho pena desta gente...”. As multidões que motivaram Jesus para a multiplicação do pão da Palavra e do pão para a boca encontram-se reencarnadas nas multidões de pobres, de empestados, mas também de ignorantes que acorriam a Frei Bartolomeu dos Mártires, fosse nas serranias do Barroso ou do Gerês fosse no ambiente de miséria moral e física em que vivia uma grande parte da gente da Ribeira vianense. A sua sensibilidade e espírito de missão junto dos mais simples e mais pobres assentava numa formação humana e cristã decorrente dum ambiente familiar favorável ao crescimento na fé e da influência proveniente do vizinho convento de São Domingos de Lisboa onde a sua natural curiosidade pelas coisas de Deus encontrou as primeiras respostas.

Bartolomeu dos Mártires nasceu, de facto, em Lisboa, a 3 de Maio de 1514, e logo sentiu o chamamento de Deus a uma vida mais perfeita, nomeadamente quando, na ida para a escola, acompanhava o seu avô, já cego, para a missa na Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, e confiava o pequeno aos cuidados maternos de Maria. A curiosidade intelectual de Bartolomeu e o prestígio dos frades dominicanos, ali vizinhos, cedo o atraíram ao convento de S. Domingos de

Benfica onde, com catorze anos apenas, haveria de solicitar a integração como membro da Ordem Dominicana, na ânsia viver uma vida de abstinência perpétua, jejuns prolongados, vigílias frequentes, grande pobreza no vestir, limitações no dormir. Esse coração ardente que mais tarde haveria de se expandir na sua divisa episcopal *“ardere et lúcere”*, quer dizer, “aquecer e iluminar”, evoca certamente, para nós, o próprio fogo do Coração de Cristo, “Chama ardente de Caridade”, já expresso na resposta que deu ao incrédulo Prior do Convento quando confrontado com a pretensão daquele adolescente em abraçar a vida religiosa: “não há corpo fraco onde o coração é forte”.

Ali encetou uma brilhante carreira académica, passando a exercer funções e professor de Filosofia e Teologia logo a seguir à conclusão dos seus estudos, nomeadamente no célebre Mosteiro da Batalha; este era um reconhecido centro de formação dominicana, depois elevada à categoria de ensino universitário, em virtude do prestígio que para ali trouxera a figura de Frei Bartolomeu. A sua actividade de professor, ao contrário da dimensão mais fria e racional que vigorava nos meios académicos da época era caracterizada por uma enorme sensibilidade para com a vida dos crentes, numa procura de “falar ao coração” mais que à inteligência, no contexto daquilo que se haveria de chamar uma “teologia afectiva”. De facto, “aquela alma de perfeito Dominicano, nunca deixou de dar aos seus estudos e ensinamentos uma feição apostólica”, na convicção profunda de que “de estudo sem devoção e de pregação sem preceder oração pouco proveito se pode esperar”. Neste ambiente de crescimento humano e intelectual, formou-se uma personalidade profundamente sensível que marcaria a nova etapa que as surpresas da vida lhe estavam para reservar. Ser convidado para Arcebispo de Braga.

Profundamente humilde, fez quanto pôde para não ter de suportar a mitra bracarense e só a obediência ao seu Superior o levou a ceder à eleição para tão alta responsabilidade e dignidade. E, mais uma vez, encontramos nele a sensibilidade que nos leva ao coração de Cristo “manso e humilde de coração”. Frei Bartolomeu sabia bem que a obediência não é uma forma de escravatura, de submissão cega ou aniquilamento da personalidade, mas é uma forma de acolher serena e humildemente a vontade de Deus “escutada com o coração”, já que é esse o significado da palavra: “ob+audire”, ou seja, escutar quem está na nossa frente. Por isso, foi um acto de “escuta”, em primeiro lugar de Deus, em segundo lugar do seu Superior, Frei Luís de Granada, em terceiro lugar, da Rainha Dona Catarina e, finalmente, numa escuta do grito dramático de tantas “ovelhas sem pastor” que eram os fiéis de uma Diocese enorme, com mil e quatrocentas paróquias. Apesar da relutância em assumir tão honroso e, por tantos outros, ambicionado cargo, e do próprio medo que os grandes desafios colocam a qualquer pessoa, “vergou e prostrou-se diante da obediência devida ao seu superior, aceitando o ofício como uma “cadeia de ferro”, uma camisa-de-forças, uma “braga”, como ele dizia, jogando com o nome da Arquidiocese. Enquanto Arcebispo, Frei Bartolomeu foi um pastor de almas, e a sua vida não teve outro sentido senão o de se dar todo pelas suas ovelhas: pensando no “pasto de doutrina” a dar aos seus fiéis, cuidou a formação dos padres e do povo, a quem pregava com linguagem simples e incisiva, por vezes um pouco dura, rodeando-se dos melhores colaboradores de que destacamos o que haveria de ser o missionário e mártir portuense Beato Inácio de Azevedo, primeiro director dos estudos. Ao mesmo tempo, fundava em Viana do Castelo o Convento de Santa Cruz, hoje São Domingos, de

onde os padres eram enviados em missão formadora para as terras do Alto Minho, nomeadamente nos tempos de Advento e Quaresma.

Todavia, foi junto dos mais pobres que se cimentou a personalidade e a memória de Frei Bartolomeu que, no coração dos mesmos pobres, encontrou um espaço de onde nunca mais se ausentou até hoje. Em primeiro lugar, assumiu a pobreza extrema na sua forma de viver: no paço episcopal vivia num pequeno quarto com uma cama feita de três tábuas mal lavradas, atravessadas sobre dois banquinhos do mesmo tipo; por cima, uma enxerga de palha e, em cima dela, um colchão de pano grosso que já trouxera do seu convento; na mesa-de-cabeceira, uma pequena tigela de madeira com água; alimentava-se particularmente de pão, água e legumes. Os seus bens era “propriedade dos pobres” como ele dizia; no paço encontravam apoio milhares de visitantes certos, e muitos mais seriam os deserdados da fortuna a quem a vergonha impedia de estender a mão e muito menos deslocar-se ao Paço bracarense. Conhecemos algumas narrativas encantadoras, quase anedóticas, que nos referem os ditos e cenas que marcavam a generosidade de Frei Bartolomeu: aos senhores importantes de Braga que queriam fazer um monumento em sua honra, respondeu: “Vocês são piores que o diabo!... Ele queria que Jesus transformasse pedras em pão e vocês querem transformar o pão dos pobres em pedras!...”. O seu carácter enérgico, aliado a uma sensibilidade ímpar na relação com os seus pobres, levou-o a atitudes radicais como aquela em que enfrentou o seu próprio superior um pouco escandalizado e preocupado com a austeridade de Frei Bartolomeu: “Estão os santos a pregar a pobreza e a segui-la em tudo e eu que me meta em faustos? Os santos a persuadir-me humildade e a meter-se debaixo dos pés de todos e eu que mostre brios e ufanía? Que esteja Cristo mandando aos discípulos que caminhem descalços e sem alforge e Frei Bartolomeu, sucessor deles, que ande cercado de criados e com acompanhamento e estado de príncipe?”. É um coração magnânimo, desprendido, mas grande que provoca aquela atitude documentada em lápide que marca ainda hoje a janela da sua cela no convento vianense por onde lançou a própria enxerga e travesseiros da sua pobre cama, passando a dormir sem conforto algum, até que os frades lhe descobriram e remediarão a necessidade.

II

Escrevia Frei Bartolomeu, mais uma vez, no *Catecismo*: “Se qualquer amor é agradável, quanto mais o não será o amor do Sumo Bem? Não somente é doce e saboroso, mas Ele é que dá sabor e doçura a todas as outras coisas. Ele torna agradáveis todos os outros preceitos e conselhos do Evangelho” (*Catecismo*, p. 90). Frei Bartolomeu sentia-se sinal e presença desse amor com que o Coração de Cristo dava “sabor de doçura” a todas as coisas que fazia, e sobretudo na forma como acolhia os mais desfavorecidos. Expressão e presença de um “Jesus manso e humilde de coração”, aquele que outrora enfrentou com energia e coragem, mas sempre com enorme respeito, os poderosos do mundo e da Igreja era, já no fim dos seus dias, passados entre a cidade de Viana do Castelo e o seu amado convento em São Salvador da Torre, o “santo” a quem recorriam os mais pobres, confiados já no seu poder junto de Deus, incarnado no velhinho que saía a catequizar pelas verdejantes ribeiras do Lima; pelas mãos e pela intercessão do “arcebispo santo”, à imagem daquele que “passou fazendo o bem”, se multiplicavam os pães para matar a fome; traçando o

sinal da cruz, acalmava as temerosas e ameaçadoras ondas que subiam do mar encapelado pela barra do Lima, qual lago de Tiberíades revolto, abanando a barca dos discípulos; o contacto com o pobre tecido do seu manto – quem não lembra aqui o episódio da Cananeia, tocando a orla do manto de Jesus? – curava as moléstias mais rebeldes, destruidoras de corpos e atormentadoras de almas.

Depois de uma vida gasta ao serviço dos outros, Frei Bartolomeu dos Mártires faleceu em Viana, no seu Convento de Santa Cruz, no dia 16 de Julho de 1590. “Seu corpo recebeu durante três dias grandes demonstrações de gratidão e uma escaldante lágrima de profunda saudade de um povo que sinceramente o venerava e amava”. À hora da sua morte, a fama santidade de Frei Bartolomeu dos Mártires entre os mais simples, aqueles que não entendem os trâmites de um processo que reconhece o direito ao culto, ultrapassou tudo o que seriam honrarias e homenagens merecidas e não recusadas pelas principais forças vivas da sociedade e igreja vianense. Todos aqueles, pobres e ricos, humildes e magnatas, príncipes e Papas, que tiveram oportunidade de se cruzar com a figura ímpar de Frei Bartolomeu dos Mártires, não calaram a viva impressão de santidade que irradiava da sua pessoa e que podemos resumir nas sentidas e sábias palavras de Frei Agostinho de Jesus, seu sucessor, que o assistira no momento da morte: “Este é aquele Bartolomeu, homem sapientíssimo, santo e austero a quem nem a aspereza das regiões transmontanas, nem rigores alguns de frio ou calor ou outra qualquer intempérie puderam deter o passo para cumprir por si próprio todos os deveres de um óptimo pastor.

Repousa, a partir de então, no mausoléu construído no ano de 1609, no Convento de São Domingos em Viana do Castelo, onde um longo epitáfio resume o que foi a sua extensa e rica vida de dedicação à Igreja. Após um moroso e atribulado processo de dois séculos, iniciado em 1631 e concluído em 1845 foi assinado por Gregório XVI o *Decreto* em que se declaram as virtudes heroicas do Arcebispo; mas este documento perdeu-se por causa das convulsões por que passou o Vaticano nessa época. Cem anos depois, esse documento foi descoberto, em 1945, passando Frei Bartolomeu a ser designado como Venerável, e por aí se ficou mais uma vez. Porém, a 14 de Setembro de 1964, graças à intercessão de Frei Bartolomeu dos Mártires, Paula da Costa Madeira Lopes, então com sete meses de idade foi curada instantaneamente, de um modo cientificamente inexplicável, de uma encefalomielite ou meningo-encefalite aguda. Foi este o milagre que fundamentou o novo *processo* que conduziu à beatificação de Frei Bartolomeu dos Mártires, levado a efeito por um tribunal constituído por *Decreto* de D. Eurico Dias Nogueira, Arcebispo de Braga, com data de 23 de Janeiro de 1989, onde foram ouvidas várias testemunhas, inclusivamente de médicos, um dos quais era o pai da própria miraculada. Entregue este processo em Roma, seguidos os habituais trâmites com as necessárias perícias médicas, após a reunião de teólogos consultores, e de um conjunto de Cardeais e Bispos, foi elaborado, por ordem do Papa João Paulo II, o *Decreto* de reconhecimento do milagre. O mesmo Papa, no dia 4 de Novembro de 2011, elevava Frei Bartolomeu dos Mártires às honras dos altares, tendo então pronunciado estas eloquentes palavras: “O Beato Bartolomeu dos Mártires dedicou-se, com suma vigilância e zelo apostólico, à salvaguarda e renovação da Igreja nas suas pedras vivas, sem desprezar os andaimes provisórios que são as pedras mortas. daquelas pedras vivas, privilegiou as que tinham pouco ou nada para viver. Tirou à boca, para dar aos pobres. Censurado pela pobre figura que fazia com o

pouco que lhe restava, respondeu: ‘Nunca me verão tão desatinado a gastar, com ociosos, aquilo com que posso dar vida a muitos pobres’. Sendo a ignorância religiosa a maior das pobreza, o Arcebispo tudo fez para lhe pôr remédio, começando pela reforma moral e elevação cultural do clero, ‘porque manifesto está, escrevia ele, que, se o vosso zelo correspondesse ao ofício, (...) não andariam as ovelhas de Cristo tão fora do caminho do Céu’”. Com o seu saber, exemplo e desassombro apostólico, comoveu e incendiou os ânimos dos Padres Conciliares de Trento para que se procedesse à necessária reforma da Igreja, que depois se empenhou a realizar com perseverante e invicta coragem”.

Ao Coração de Cristo, a partir de cada lar, de cada grupo de Apostolado da Oração, a cada comunidade paroquial, erga-se agora uma súplica unânime e com o mesmo fervor daquele cujo coração “ardiu e iluminava”, para que possamos brevemente ser abençoados com a graça da sua canonização. Se mais não for, que o nosso exemplo de vida, a nossa dedicação aos mais pobres, a solicitude na formação e crescimento da fé, o fervor da nossa oração tornem presente não só a memória mas também o exemplo e a força que prolonguem, nos nossos dias, a eficácia do zelo pastoral de Frei Bartolomeu dos Mártires. Imitá-lo nas suas virtudes será uma ótima força de devoção ao Coração de Cristo que ele viveu, como dissemos, muito antes do tempo, em todo o seu esplendor; parafraseando a conhecida invocação que a religiosidade popular consagrou, podemos então rezar também: “Bem-aventurado Bartolomeu dos Mártires, manso e humilde de coração, fazei o meu coração semelhante ao vosso”. Certamente que Jesus não se sentirá prejudicado com este pequenino atrevimento.

Viana do Castelo, 9 de Outubro de 2015.

P. Jorge Alves Barbosa

Publicado no Boletim de Santa Luzia